

A CRISE E O PADRÃO DE ESPECIALIZAÇÃO COMERCIAL BRASILEIRO

Fernanda De Negri e Maria Cristina Passos

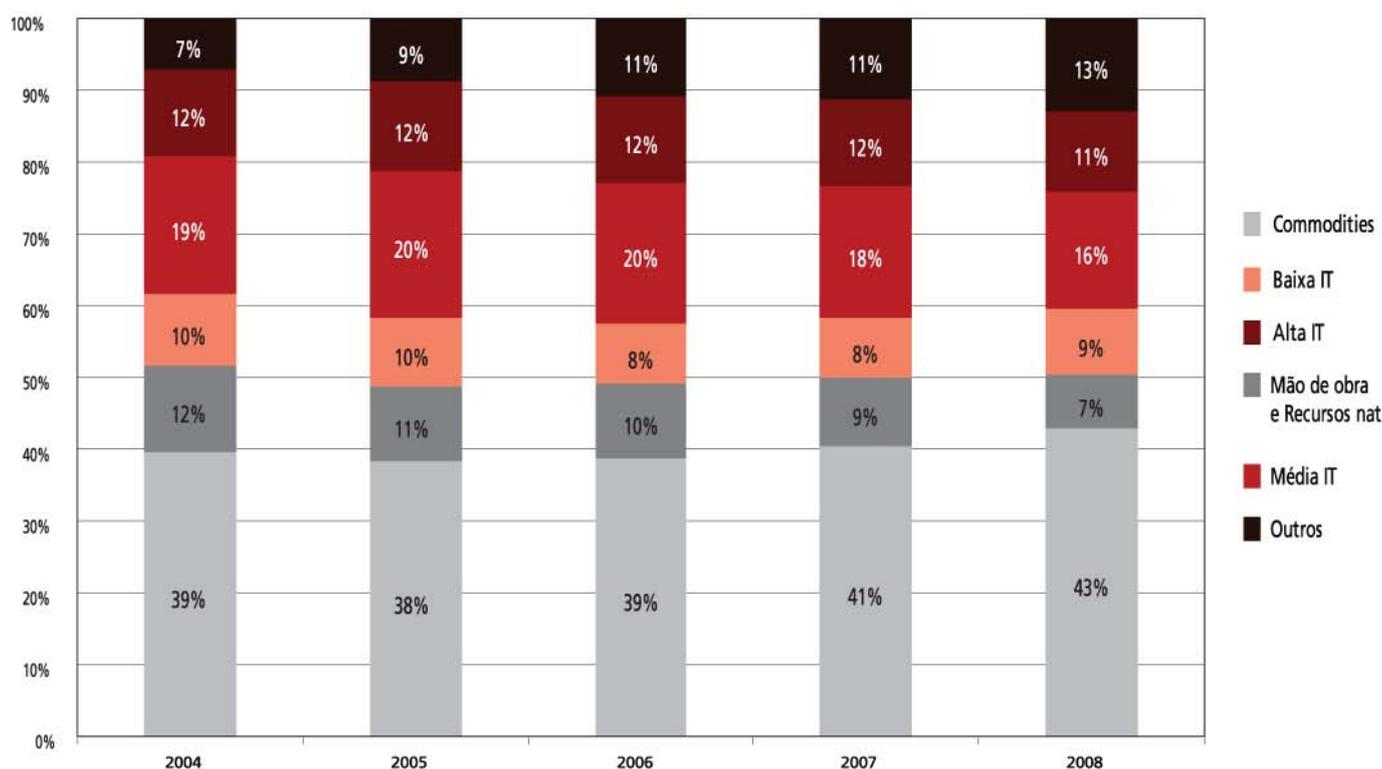
A crise internacional parece ter acentuado uma das principais características da pauta de comércio exterior brasileira: sua elevada concentração em *commodities* e em produtos de menor intensidade tecnológica. Tradicionalmente, cerca de 40% da pauta de exportações brasileiras é composta de produtos classificados como *commodities* primárias, segundo a classificação da Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (Unctad).

Até 2008, esse tipo de produto vinha gradualmente ganhando participação nas exportações brasileiras, juntamente com os produtos relacionados à energia, principalmente petróleo (produtos não classificados pela Unctad).

Entre 2004 e 2008, as *commodities* passaram de 39% para 43% do total do valor exportado pelo país (gráfico 1), enquanto o grupo onde preponderam os produtos relacionados ao petróleo aumentou sua participação de 7% para 13% no mesmo período. Os demais grupos de produtos (intensivos em trabalho, baixa, média e alta intensidade tecnológica) perderam participação, sendo as quedas mais significativas nos produtos intensivos em trabalho e nos de média intensidade tecnológica.

O aumento dos preços foi o grande responsável pelo aumento da participação das *commodities* na pauta de exportações e pelo crescimento das exportações brasileiras em 2008, uma vez que a quantidade exportada apresen-

Gráfico 1. Participação Percentual dos Diferentes Grupos de Produtos, segundo intensidade tecnológica, na pauta de exportações brasileira: 2004 a 2008



Fonte: Elaboração própria a partir de SECEX/MDIC e UNCTAD.

tou uma queda moderada no ano (tabela 1). As maiores variações nos preços foram registradas para os grupos 1, 3 e 6 (*commodities* primárias, produtos de baixa intensidade tecnológica e os outros produtos), cujos aumentos foram influenciados, sobretudo, pelo preço do minério e semimanufaturados de ferro, da soja, do óleo de petróleo e da gasolina, que representam uma parcela significativa

da exportação dos grupos mencionados. Em relação ao *quantum* exportado, as quedas foram relativamente pequenas em 2008, com exceção do grupo de produtos intensivos em trabalho, cuja quantidade exportada recuou 16% em 2008 em relação a 2007.

Esses resultados agregados, no entanto, ocultam algumas peculiaridades da evolução desses índices ao

Tabela 1. Variação dos Índices de Preços e *Quantum* das Exportações, Segundo Intensidade Tecnológica: 2008.

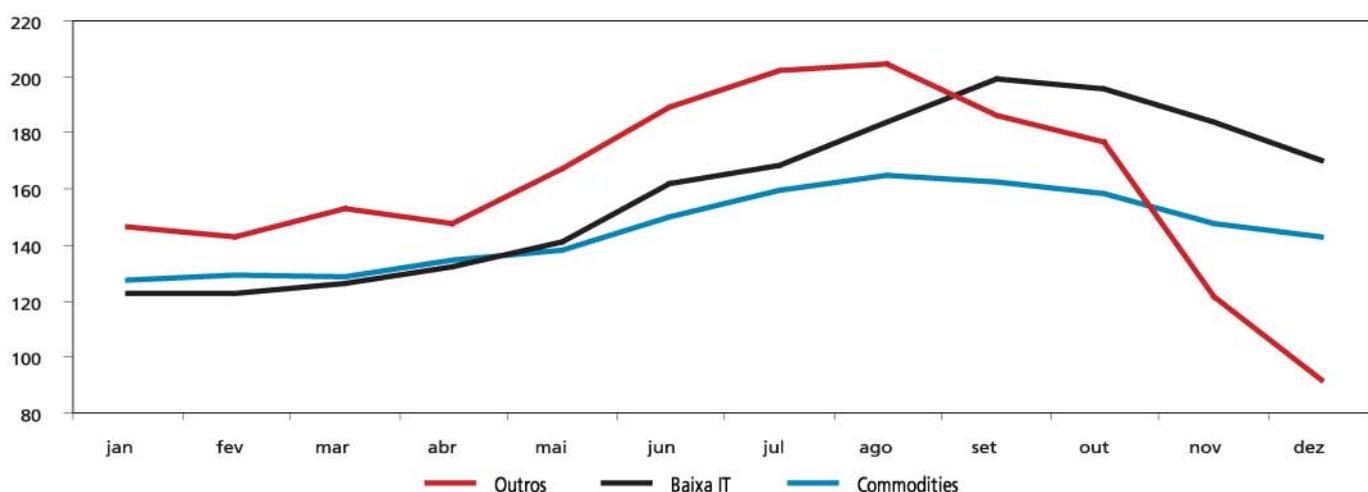
| Grupo de produto | <i>Quantum</i> | Preços |
|----------------------------------|----------------|--------|
| 1. <i>Commodities</i> primárias | -0,4 | 29,8 |
| 2. Intensivos em trabalho | -16,0 | 12,6 |
| 3. Baixa intensidade tecnológica | -1,8 | 37,6 |
| 4. Média intensidade tecnológica | 0,5 | 10,7 |
| 5. Alta intensidade tecnológica | -0,8 | 19,4 |
| 6. Outros produtos | -2,4 | 46,0 |

longo do ano que revelam os primeiros impactos da crise internacional sobre as vendas externas brasileiras. O gráfico 2 mostra que os preços dos produtos dos grupos cujos preços mais cresceram em 2008 (*commodities*, baixa intensidade tecnológica e outros produtos) atingiram um pico entre julho e setembro, quando começa uma trajetória de desaceleração. Os preços dos produtos relacionados ao petróleo e energia foram os que mais caíram depois do início da

crise. Os preços das *commodities* primárias, por sua vez, tiveram uma queda bastante discreta em comparação com os demais dois grupos. Os preços dos demais grupos de produtos (intensivos em trabalho, média e alta intensidades tecnológicas, que não estão no gráfico) parecem ter sido mais imunes em relação à crise.

O *quantum* exportado também mostrou, em virtude da crise internacional, uma queda significativa no último trimestre do ano em relação ao terceiro

Gráfico 2. Evolução dos índices de preços de exportação para grupos de produtos selecionados (*commodities*, baixa intensidade tecnológica e outros produtos) em 2008.



trimestre em quase todos os grupos de produtos. Para alguns grupos de produtos, essa queda no último trimestre é sazonal. Entretanto, se compararmos 2008 com a evolução do *quantum* no terceiro trimestre de 2007, a queda foi muito mais significativa do que no ano anterior. A tabela 2 mostra que a queda da quantidade exportada no último trimestre do ano para os produtos de menor intensidade tecnológica foi muito superior à ocorrida no último trimestre de 2007. Por outro lado, produtos de média e alta intensidades tecnológicas, que não sofrem nenhuma influência sazonal no último trimestre do ano também apresentaram significativa redução do *quantum* exportado.

Em síntese, até dezembro, o que se pôde verificar foi uma queda acentuada tanto nos preços quanto na

quantidade exportada de quase todos os grupos de produtos. O comportamento do *quantum* exportado nesses meses revelou que os primeiros impactos da queda da demanda mundial afetaram inicialmente o comércio de produtos de baixa intensidade tecnológica, as *commodities* primárias e os produtos de média intensidade tecnológica.

A evolução observada até dezembro não implicou uma alteração significativa na composição da pauta de comércio exterior brasileira. O mesmo não se pode dizer, entretanto, em relação aos primeiros meses de 2009. Entre janeiro e abril de 2009, a participação das *commodities* na pauta de exportações do país cresceu para 51%, ante uma média histórica um pouco menor que 40% (gráfico 3)

Tabela 2. Variação dos Índices de *Quantum* das Exportações, Segundo Intensidade Tecnológica, nos últimos trimestres de 2008 e 2007 (em relação ao terceiro trimestre).

| Grupos de produtos | 4º trim / 2008 | 4º trim / 2007 |
|-------------------------------|----------------|----------------|
| <i>Commodities</i> primárias | -20% | -8% |
| Intensivos em trabalho | -13% | -5% |
| Baixa intensidade tecnológica | -26% | -10% |
| Média intensidade tecnológica | -19% | 3% |
| Alta intensidade tecnológica | -11% | 6% |
| Outros produtos | 20% | 2% |

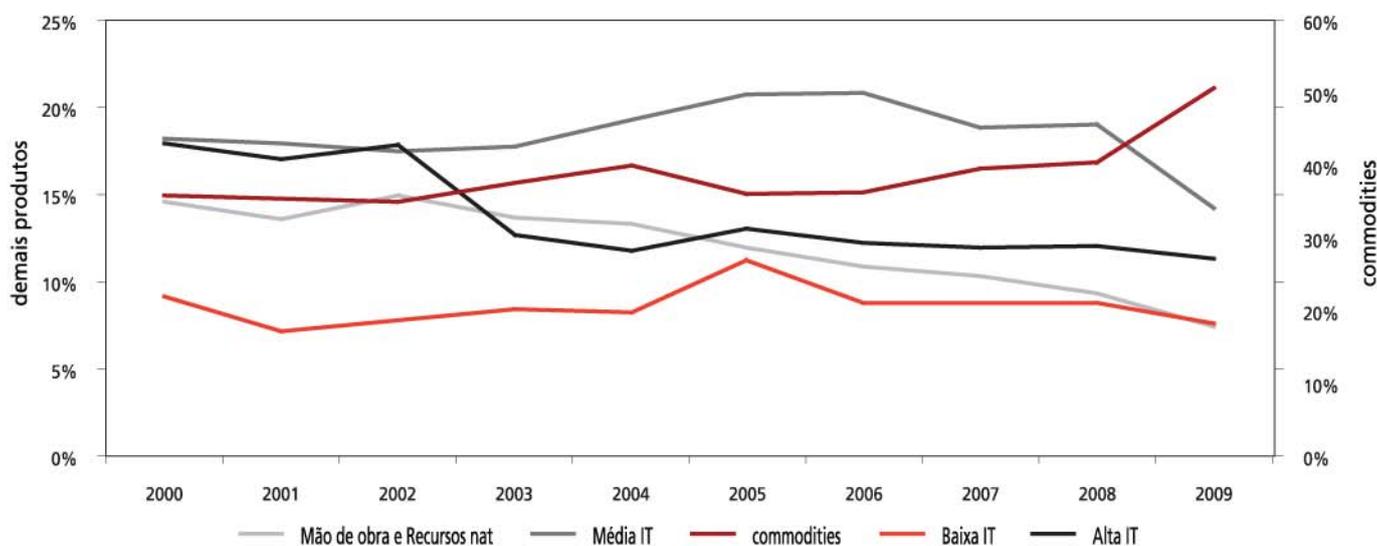
O crescimento da participação das *commodities* em 2009 se deu em detrimento de todos os outros grupos de produtos mas, especialmente, dos produtos de média intensidade tecnológica. A recuperação dos preços de algumas *commodities* no início deste ano explica uma parte dessa evolução. Entretanto, o fator de maior peso, provavelmente, são as exportações para a China. Enquanto as exportações totais brasileiras caíram cerca de 23% nos primeiros cinco meses de 2009, em comparação com 2008, as exportações para a China cresceram 34%. A despeito de a crise internacional ter reduzido a demanda

na maioria dos nossos mercados compradores, a demanda Chinesa parece não ter sido afetada.

Dado que a pauta de exportações brasileira para a China ainda é extremamente concentrada em poucas *commodities* (com destaque para minério de ferro e soja), o crescimento das exportações para a China contribuiu para ampliar a participação das *commodities* na nossa pauta comercial após o início da crise.

No início da crise internacional, anteviam-se algumas mudanças significativas em três fatores rele-

Gráfico 3. Participação dos diferentes grupos de produtos na pauta de exportações brasileira: primeiros quadrimestres entre 2000 e 2009.



vantes para nossas exportações: a) queda na demanda internacional; b) queda nos preços das *commodities*; e c) desvalorização do real. Os dois primeiros fatores teriam efeitos negativos sobre as exportações brasileiras enquanto o último fator poderia representar um certo contraponto, especialmente para as exportações industriais, penalizadas pela valorização cambial dos últimos anos.

O que os primeiros meses de 2009 mostraram é que a demanda internacional por *commodities* brasileiras, pelo menos por parte da China, não caiu em virtude da crise. Da mesma forma, os preços de algumas *commodi-*

ties já mostram sinais de recuperação e o real voltou a se valorizar em relação ao dólar. Todos esses movimentos têm contribuído para reforçar a especialização brasileira nesse tipo de produto, como mostra o aumento da participação de *commodities* na nossa pauta.

O que ainda não sabemos é até que ponto essa modificação é uma tendência de longo prazo ou apenas um reflexo de curto prazo da crise internacional. De qualquer forma, esse movimento é oposto ao que o país precisa no longo prazo, que é diversificar sua pauta de exportações a partir da ampliação da participação de produtos mais intensivos em tecnologia.